

Há aranhas no :Estúdio?

João Paulo Queiroz

Os criadores deixaram já de sair das escolas com a sua missão formativa terminada. Convivem com a formação ao longo da sua vida, com cada vez mais sentido de exigência, profissionalismo, actualização e polivalência, de troca de experiências. Já não faz sentido enumerar os antigos ‘mestres,’ modelos de semelhança, que se tiveram durante ‘o curso.’ Faz sentido dizer quais as escolhas, onde se fez intercâmbio, quais os lugares, os métodos, os confrontos, as experiências, ou, precisamente, as diferenças.

Pode-se ainda argumentar que um criador, talvez mais que qualquer outro profissional, sempre teve a percepção da necessidade de uma aprendizagem continuada. Só que, diga-se a verdade, essa era uma aprendizagem auto-centrada, umbilical, auto-didacta, não geradora de ganhos grupais. Favorecia-se um modelo de um mercado individualismo gramsciano, o modelo do *intellectual* que aspirava a pertencer à *intelligentzia*. Era o paradigma ideológico do artista demiurgo, o visionário que mostrava caminhos invisíveis ao público instalado, mais ou menos admirador, mais ou menos espantado, e por isso, mais ou menos mobilizado, ou mais ou menos adulado. Este paradigma reforçava outros que entretanto também se esboroaram. Por exemplo, o da centralidade europeia. Por exemplo, o misoginismo oculto mesmo nas vanguardas cubistas e surrealistas. Por exemplo, o curto-circuito financeiro do *art world* ainda no ano passado.

Hoje, pois, este tempo panfletário acabou.

Se o (ou a) artista tentar falar ao público ainda dessa tribuna distorcida com que o século XX o mimara, descobre que o microfone está desligado, e que o seu controlo passou para outras dinâmicas sociais. Descobre até que a tribuna já não existe. Os jornais evitam a arte, ou coisas parecidas, a menos, por exemplo, que envolva vacas, ou pessoas despidas, e em grandes grupos. É simples: a arte não dá anúncios às suas páginas, e não é um conteúdo muito formatável em páginas de *scoop*. Não, a imprensa, privada e com as tiragens ameaçadas 7% ao ano ou, depois do colapso, reconvertida em imprensa gratuita, dedica as suas páginas a automóveis, destinos de evasão turística, cinema, música industrial, *gadgets*, televisão *pay per view*. E na televisão, pulverizada em dezenas de canais, programa-se com as mesmas lógicas de consumo e formatação: mais moda, destinos turísticos, automóveis, campeonatos de *poker* e de bilhar, biografias de estrelas, desporto de massas e outros conteúdos *low-cost* como são os *reality shows*.

Bom, ficamos com a Internet, onde o artista pode enfim existir e

mostrar-se. Expor-se. Mas aí, alto. Ele mostra-se ao acaso de motores de busca, com critérios de relevância definidos pelo... curador Google.

Fala-se, portanto, da morte do autor, e mais, da morte da crítica. O que nasce em seu lugar?

Para já um espaço vazio, mas este é um espaço aberto ao discurso.

É este espaço de discurso que o CSO'2010 e a :Estúdio vieram explorar, e cuja resposta, presente nas mais de 80 submissões recebidas do mundo latino, parece mostrar.

Constata-se, e basta um olhar sobre as notas biográficas dos autores presentes, que os criadores têm hoje uma autoridade intelectual, discursiva, crítica e científica que seria difícil de congregar há meros dez ou vinte anos atrás. A capacidade discursiva do artista, bem patente nas páginas desta revista, parece prometer novas plataformas de divulgação e de crítica: o criador está a emergir como um novo curador, um agenciador, um construtor de relacionamentos sociais, um organizador sistemático e criativo do conhecimento que os seus pares acrescentam ao mundo.

Há pois uma agenda no congresso CSO. Tornar visível, com exigência de critérios idênticos aos de outros saberes, o discurso que os criadores fazem sobre as obras de seus pares. Esse discurso é, como se pode constatar nas páginas que se seguem, um novo discurso de curadoria.